



**LUGARES DE MEMÓRIA DE BOM JESUS DO ITABAPOANA: A RECUPERAÇÃO
DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DO MUNICÍPIO A PARTIR DE REGISTROS
ORAIS E VISUAIS**

FERNANDA LIMA RABELO¹

EDUARDO MOREIRA²

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a memória local no município de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), relacionando-o a importantes espaços de convívio social existentes no município, espaços estes que representam uma rica História, onde os moradores circulavam e construíram laços afetivos, tanto pessoais quanto com a cidade.

Estes espaços de sociabilidade hoje não funcionam mais como no passado, mas são relevantes na construção de uma identidade da cidade e de seus moradores. O estudo destes locais de memória, a partir de depoimentos e imagens, tem como objetivo ainda produzir um novo conhecimento da História local, discutindo a importância de metodologia de pesquisa oral na História do município.

O estudo em questão se iniciou no ano de 2012, no momento em que o Instituto Federal Fluminense (IFF), localizado nas regiões Noroeste e Norte Fluminense, lançou edital de criação de centros de memórias em seus *campi* através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, com o objetivo de resguardar e desenvolver os estudos relativos à História Local.

Neste sentido, como professores das áreas de Sociologia e de História do Instituto Federal, no Campus Bom Jesus do Itabapoana, nos lançamos como proponentes da criação de um grupo de estudos de memória no município de Bom Jesus, como é comumente chamado. Ainda, o grupo de estudos de memória no Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense, estabelecido no Campus, conjuga professores de Filosofia e de Geografia. Desta forma, nos

¹ Professora de regime dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) e doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O projeto de resgate da História do CTAIBB/IFF Bom Jesus, em andamento, tem auxílio da FAPERJ, com bolsas concedidas a alunos de Ensino Médio na modalidade Programa de Pré-Iniciação Científica Jovens Talentos/FAPERJ.

² Professor de regime dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) e mestrando em Políticas Sociais pela Universidade do Norte Fluminense (UNF), sendo bolsista do CAPES na modalidade bolsa de estudo.



indagamos sobre questões relativas à memória dos moradores de Bom Jesus, relacionando-as a três projetos: “Memórias do Colégio Técnico Agrícola Idelfonso Bastos Borges (CTAIBB)/ IFF Bom Jesus”, atual Campus Bom Jesus do Instituto Federal Fluminense, criado como instituição de ensino vinculada à prefeitura em 1970; “Memória e Identidade: Os Lugares de Memória de Bom Jesus do Itabapoana”, investigando as relações afetivas dos moradores de Bom Jesus com locais que tiveram relevância cultural no passado da cidade, especificamente o Cineteatro Monte Líbano (local de encontro e festivais, aberto em 1950 e fechado em 1989), o Aeroclube Bom Jesus do Itabapoana (local de festas e bailes até a década de 1980), a comemoração católica pelo padroeiro do município conhecida como Festa de Agosto (comemoração feita com desfile pela rua central do município) e o Clube Olímpico, local de competições de futebol que abriu suas portas em 1914, e permaneceu como local de encontro e jogos de times de Bom Jesus e cidades vizinhas até e “Desenvolvimento urbano e comercial de Bom Jesus”³, ligado ao desenvolvimento urbano e econômico do município, com a análise da ascensão e da decadência econômica de Bom Jesus, que ocorreu de forma concomitante à região em que se encontra, Noroeste Fluminense.

A partir destas ações, que conjugam em grande parte o estudo de locais considerados importantes na memória de moradores de Bom Jesus, buscamos resgatar um passado que tem poucas referências documentais escritas e que ainda hoje têm relevância na construção da identidade desta sociedade. Este passado se mantém vivo na memória de muitos moradores, que se remetem constantemente à riqueza das atividades culturais passadas e a locais que já foram referência regional, e que hoje se encontram ou fechados ou sofreram transformações com a diminuição de suas atividades, ou mesmo com uma mudança institucional, como foi o caso do CTAIBB, hoje Campus Bom Jesus do IFF.

Observa-se ainda no município de Bom Jesus a manutenção precária de registros de memória, manifestações e eventos representantes da cultura imaterial do município. Dentre os documentos já levantados na memória do CTAIBB, pesquisa mais avançada do Centro de Memória no Campus, encontramos uma conservação extremamente precária de fotografias,

³Pesquisa desenvolvida pela Professora de Geografia Laila de Souza Gomes, que faz parte da equipe do Centro de Memória IFF noroeste Fluminense.



afetadas pelas constantes enchentes e clima quente nos verões da região; apenas alguns textos com resoluções e normas reguladoras relacionadas às mudanças institucionais na região e à memória do fundador do Colégio, em arquivo doado pela família e organização feita pelos professores da casa; nenhum livro, trabalho ou artigo publicado sobre a História da instituição (apesar da documentação escrita ter sido muito bem organizada pelos servidores ligados à Diretoria de Gestão de Pessoas) e nenhum trabalho de resgate oral da memória de locais de relevância cultural e educacional no município. A falta de pesquisas sobre a instituição, que é um local constantemente ressaltado por moradores como importante na memória coletiva do município, era constantemente vista por servidores e ex-servidores da instituição como um resultado do pouco interesse de instituições públicas em relação ao assunto, o pouco interesse de pessoas em resgatar a memória regional e a falta de incentivo financeiro para este tipo de pesquisa.

Na tentativa de se resgatar esta memória local, compreendemos a importância de se estudar a memória ancorada em lugares e/ou manifestações que a representam, justamente porque ela já não existe mais em seu estado original, seus registros foram apagados pelo tempo e seus mecanismos de transmissão ficaram obsoletos com as atuais transformações sociais. A memória, assim, como um produto e um produtor de sua coletividade foi cada vez mais se abrigando dentro dos universos individuais e privados. Restrito a estes universos, foi perdendo seu caráter político e público, constituindo-se, cada vez mais, como elementos de lembrança e preso num tempo estático. Porém, entendemos que estes lugares de memória ainda guardam a capacidade de unir as diversas memórias individualizadas, restaurando seu caráter coletivo, amarrando-as numa teia de representações, construtora de uma história ao mesmo tempo individual e local.

Um dos problemas enfrentados nos estudos de memória é a dificuldade de se conceber, nos dias atuais, uma memória coletiva devido à falta de produção de sentidos em eventos de caráter coletivo, em um processo de desenraizamento social, da falta de percepção pelos sujeitos de sua participação neste universo social, relegando o próprio espaço de convivência pública a um plano inferior e a um esvaziamento de significados. Isso fez com que os traços e as marcas desta comunidade, como o clube, a festa da igreja, a antiga escola técnica ou um



teatro desativado, passassem a não ter valor principalmente para os jovens, sendo consideradas sobras de um passado que já deveria ter sido extinto. Este processo não é apenas preocupante pela sua desconsideração por uma memória que liga as pessoas a uma identidade partilhada, mas também pelo enfraquecimento da força política que o sentimento de pertencimento coletivo traz às sociedades, que ocorre devido a pouca importância dos apoios da memória espacial. Como afirma Pierre Nora(1993), “*os lugares de memória são, antes de tudo, restos.*” (NORA, 1993: 12)

Para Pierre Nora, os espaços de memória são lugares concretos, manifestações, eventos onde as pessoas encontram suporte para reviver um passado comum e que ainda existe em um determinado local, mesmo que esteja desativado, se transformando ou em vias de desaparecer. Eles funcionam como marcos para o reavivamento do sentimento de pertencimento coletivo, ou seja, como símbolos para a identidade local:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações (...).A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido num eterno presente, (...) a memória se enraíza no concreto no espaço no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1993: 9)

Segundo Ecléia Bosi(2003),a partir da compreensão da memória como um evento coletivo, podemos vê-la como um traço da própria sociedade que a abriga e os sujeitos que compõem este universo social, seus vínculos e seu sentimento de pertencimento a algo concreto, sólido, em outras palavras, algo comum.

O trabalho de reconstrução e de valorização do vivido é de suma importância, e contar com o suporte das lembranças é imprescindível, pois são elas que nos possibilitam a reconstrução do passado partilhado, no qual: “*o passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva*”. (FROCHTENGARTEN, 2005: 367).

Estas lembranças encontram guarida nas histórias dos mais velhos, nas crônicas e narrativas sobre o passado vivido. Assim, são nas memórias orais, de indivíduos partícipes de um universo social comum, que podemos reconstruir os fios rompidos dos laços sociais, pois, como afirma Frochtengarten: “*porque representa uma forma de participação dos homens no*



domínio político, a memória oral levanta-se contra o isolamento humano.”(FROCHTENGARTEN, 2005: 373). A narração é um processo que se renova a cada recordar, pensar e contar. Porém este processo não pode representar um ato passivo, descontínuo, atribuindo a estas narrações e memórias um imobilismo, novamente, desenraizando-as.

Portanto, a análise da importância do antigo colégio agrícola, o CTAIBB, o Cineteatro Monte Líbano, o Aeroclube e a Festa de Agosto são exemplos de estudo de espaços de memória de Bom Jesus que guardam consigo esta capacidade de unir gerações numa narrativa onde as suas mudanças são as marcas de sua memória. É através do que eles não são mais hoje que nós podemos dizer o que eles foram, e quem participa deles, hoje, não está excluído destas lembranças, são representantes de mais um capítulo de sua trajetória. Unindo passado e presente, projeta-se o futuro, debatendo o que será feito destes espaços, se devem continuar existindo, se devem ser reconstruídos, se devem ser colocados em museus ou se devem ser esquecidos:

a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem pela sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no (...) imprevisível de suas ramificações.(NORA, 1993: 22)

Relacionando os debates sobre memória e História local, pode-se perceber que é pela presença de debates sobre a memória que a sociedade refletirá sobre as questões que se remetem à identidade social. As questões levantadas pela memória são relevantes na formação da identidade como ferramenta política, como o exercício de decidir, passando pelo crivo dos próprios sujeitos alvos destas decisões. Assim: “*recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade.*” (BOSI, 2003: 76).

A partir de um estudo sob a percepção de que o passado e o presente se entrelaçam em uma contínua construção de uma identidade comum, cujas origens e relevância no passado



denotam uma visão de valorização dos ambientes públicos e de locais de sociabilidade no município, buscamos resgatar parte da memória de Bom Jesus, compreendendo também que esses locais de memória são representativos para uma boa parcela da população do município. Com o estudo destes locais, que constam ainda como referência cultural e/ou educacional no município, pretende-se ainda resguardar um passado que, devido às poucas ações que valorizassem a memória do município, pode estar em vias de desaparecer.

Com o estudo de caso do Colégio Técnico Agrícola Ildelfonso Bastos Borges, é possível ter a percepção da dimensão social que este espaço teve na História do município. O chamado “Agrícola” foi um Colégio considerado de excelência no município, que levava a uma região afastada dos centros urbanos e marcada pela distância e pouco investimento, em uma época de decadência econômica no município, um ensino de qualidade e referencial na região.

A História do CTAIBB, ou “Agrícola”, está ligada à própria necessidade e vontade que os moradores manifestavam em ter uma escola que desempenhasse um papel formador na região. O estudo da memória do “Agrícola” foi feito a partir de depoimentos de professores, alunos, ex-alunos, servidores e ex-servidores, que presenciaram o papel privilegiado do Colégio no passado.

Em um primeiro momento de trabalho relativo à memória do Colégio, foi percebida uma vontade enorme da comunidade escolar e de ex-alunos e ex-servidores em resgatar a sua memória, já indicando que o mesmo teria um papel especial na região, uma relação de afetividade com os seus moradores. O processo de fundação do Colégio também foi indicado como um processo individualizado, um esforço de um “patrono”, um veterinário de Bom Jesus que buscava, com grandes esforços, trazer ao município o ensino da Veterinária e das Ciências Agrícolas. Em um segundo momento, percebemos que muitos dos protagonistas da História do Colégio se destituíram do seu papel de relevância na memória da instituição, relegando à fundação do Colégio e ao “patrono” o papel fundamental na História da mesma. Desta forma, buscamos resgatar o papel de destaque que alunos e servidores tiveram ao longo do processo de construção de uma identidade escolar, enfatizando a importância que esta comunidade, uma verdadeira comunidade de sentidos, teve e o que ela representa como



agente direta da construção de uma memória institucional. Na definição destas comunidades, Bronislaw Baczko (1985) revela que a simbologia presente no interior dos estudos de determinadas sociedades se define pelas relações de poder que dela emanam e pela necessidade da sociedade de se afirmar perante outros grupos ou entre ela própria. Baczko também avalia que a simbologia construída a partir de um imaginário social, ou coletivo, é construída a partir da experiência de seus agentes sociais, seus desejos, aspirações e motivações. O imaginário social se opera por meio das oposições entre as forças que agem sobre as vidas coletivas, unindo-as por meio de seus significados (BACSKO, 1985: 312).

Assim, ao analisar comunidades e os significados de discurso presente em uma dimensão coletiva, é inevitável encontrar memórias contraditórias ou mesmo a legitimação de atores que representam, em um passado constantemente reafirmado, um papel no momento em que esta comunidade representou afluência na região onde se encontra. No momento em que estes atores são lembrados, permanece no imaginário coletivo a imagem de poder que estas pessoas ou que estas sociedades representaram, ao mesmo tempo em que se fortalece uma identidade local.

O Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges, como exemplo de caso neste estudo, teve uma História profundamente ligada à sociedade de Bom Jesus, construindo uma teia de relações afetivas, políticas e sociais com esta sociedade. O Colégio iniciou suas atividades em 9 de abril de 1970 e, primeiramente, foi mantido pela Fundação Educacional de Bom Jesus, uma fundação educacional ligada à Prefeitura⁴. Com a cessão do terreno localizado na entrada do município, que pertencia ao Ministério da Agricultura, o colégio iniciou suas atividades, sob a direção de Hélio Bastos Borges, irmão do fundador que faleceu no mesmo dia da assinatura do convênio.

A morte trágica do fundador, Ildefonso Bastos Borges, é lembrada por moradores, que o viam como um grande veterinário que lançou todos os seus esforços para criar uma escola prevista para ser, inicialmente, de veterinária e estudos agropecuários. Jorge Ubirajara Dias

⁴ Ata de Fundação do CTAIBB, 9 de abril de 1970. Arquivo do IFF Bom Jesus. Diretoria de Gestão de Pessoas, IFF Bom Jesus, Bom Jesus do Itabapoana.



Boechat⁵, ex-aluno da segunda turma do CTAIBB, e atualmente professor no IFF Bom Jesus, relembra-se do período e da importância de Ildefonso para a sociedade de Bom Jesus:

Aos catorze, quinze anos, [pensei], que eu vou fazer? Veterinária, pensei logo, porque era a profissão do Doutor Afonsinho que tem o nome dessa escola, do antigo Colégio Agrícola, Doutor Ildefonso Bastos Borges, e ele ia lá em casa atender as vacas do meu pai, e eu ficava olhando ali, e gostei das coisas (...)

A notícia [da morte de Ildefonso] foi bombástica porque o Doutor Afonsinho era muito querido em Bom Jesus e o fato dele morrer aqui em plena inauguração foi uma coisa muito marcante. Eu conheço os filhos dele (...) e a gente tinha um vínculo com a família muito grande (...) (JORGE UBIRAJARA DIAS BOECHAT, 27.06.13)

Recebendo o nome em homenagem aos esforços empreendidos por Ildefonso, o CTAIBB iniciou suas atividades com dois cursos, técnico, em Agropecuária e em Economia Doméstica Rural.

Em um período em que os cursos técnicos cresciam em quantidade no país, o CTAIBB se tornou uma instituição de ensino importante na região de atuação, oferecendo curso técnico a alunos de diferentes realidades sociais e se tornando referência, às vistas de seus moradores, como uma instituição de ensino de qualidade na cidade. Ainda em 1973, devido à dificuldade de manutenção do Colégio, a Prefeitura e a Fundação Educacional de Bom Jesus iniciaram seus contatos com a Universidade Federal Fluminense (UFF), no intuito de firmar um convênio para integrar o CTAIBB às atividades da universidade e manter ações de extensão na comunidade que ele atendia.

A Universidade já agregava às suas ações neste período a anexação de colégios no interior do estado fluminense, com a integração de dois colégios agrícolas, o Colégio Técnico Agrícola Nilo Peçanha, localizado em Pinheiral, fundado em 1909 e integrado à UFF em 1968⁶, e o Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges, integrado à universidade em 1974, como núcleo de estudos avançados agrícola, virando parte da Faculdade de Educação

⁵ Entrevista com Jorge Ubirajara Dias Boechat, 27.06.2013. A entrevista, guardada no Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense, ainda não foi transcrita. A referência da mesma se dará apenas pela data e nome do depoente.

⁶ Hoje o antigo Colégio Agrícola Nilo Peçanha foi incorporado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro. Em: <http://www.ifrj.edu.br/node/333>, 25.06.2013.



9

em 1976⁷. Ambos se tornaram polos de estudo e pesquisa de professores e alunos da Universidade.

Figura 1: Cerimônia de posse da UFF em 1974.



Fonte: Arquivo do Instituto Federal Fluminense, Campus Bom Jesus.

O Colégio “Agrícola” constituiu-se, durante os trinta e quatro anos que esteve ligado à UFF, como um polo de estudos e pesquisa associado às novas técnicas e teorias presentes na Universidade. Ele atendia alunos de diferentes municípios e entre 1975 e 2007 ofereceu o curso Técnico em Agropecuária, vinculado ao Ensino Médio. O uso de técnicas e tecnologias inovadoras, pautados em um conhecimento bastante atualizado devido à sua integração à Universidade, e a formação dos professores, são destaques na memória dos próprios professores, que entendiam o papel do Colégio como importante na criação de um ensino especializado e único na região. José Bastos Cavichini⁸, professor de Ciências Agrícolas desde 1976 na instituição, relembra este papel diferenciado:

[tinha] material aqui que não tem hoje em universidade [para práticas agrícolas]. A universidade vinha aqui e tinha alunos que vinham para ter aula do curso superior (...) na época, nas escolas agrícolas, era a única que tinha. Nós tivemos aqui reportagem, era visitada por deputado, em revista... nós fizemos um trabalho, na

⁷ Ata de posse da Universidade Federal Fluminense. Resolução n. 27/76. Arquivo do IFF Bom Jesus. Diretoria de Gestão de Pessoas, IFF Bom Jesus, Bom Jesus do Itabapoana.

⁸ Depoimento dado em 8 de maio de 2013. Página não citada pois a entrevista ainda não foi transcrita. O depoimento se encontra guardado no acervo de Memória institucional do CTAIBB/IFF Bom Jesus no Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense. IFF Bom Jesus, Bom Jesus do Itabapoana.



década de 1980, quando teve uma feira de ciências, no Maracanãzinho, agora não lembro a época. Nós fizemos um trabalho de rizipiscicultura, ou seja, você ter o plantio do arroz e criar o peixe (...) os caras ficaram loucos com aquilo no(...) Maracanãzinho. (JOSÉ BASTOS CAVICHINI, 08.05.2013)

Um segundo depoimento, dado pelo Professor Luiz Antonio Vieira da Silva⁹, professor da instituição desde 1984, relata como a escola era vista, e seus alunos, por conseguinte, recebiam um ensino considerado muito bom para a região:

[o CTAIBB] sempre foi referência (...). A família do Idelfonso sempre teve um respaldo na comunidade tremenda. (...) Nós sempre trabalhamos assim, inovando... vou resgatar as palavras da Amanda¹⁰: o aluno do colégio agrícola sempre foi diferente dos demais, conversava [sobre] coisas diferentes das outras escolas. Eu vou pegar aqui um aluno não muito distante dessa época, ele foi trabalhar numa propriedade com um colega nosso, e tava embrulhando lá goiaba e (...) o colega virou: ó você pega esse jornal aqui. Ele: não, não, esse jornal não, é [sobre o] Lima Barreto. Ou seja, ele [tinha] sensibilidade pra esse tipo de leitura. Então o nosso aluno sempre teve essa conversa diferente, essa visão diferente dos demais [colégios]. (LUIZ ANTONIO VIEIRA DA SILVA, 22.06.2013: 13)

Ainda na década de 1970, o Colégio se apresentava nas festas da cidade, dentre elas a mais popular, a chamada Festa de Agosto. Esta, uma festa católica que contava com desfile das principais escolas do município, ainda é a mais tradicional festividade as cidades, com três dias onde são decretados feriados, entre 13 e 15 de agosto. O CTAIBB tinha destaque no desfile, sempre produzido carros alegóricos em um trabalho em conjunto com alunos e servidores, e que muitas vezes traziam temas ligados ao momento festivo ou às críticas à situação dos trabalhadores do campo.

Figura 2: Festa de Agosto de Bom Jesus, 1970.

⁹ Depoimento dado em 22 de maio de 2013. O depoimento se encontra guardado no acervo de Memória institucional do CTAIBB/IFF Bom Jesus no Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense. IFF Bom Jesus, Bom Jesus do Itabapoana.

¹⁰ Amanda Celeste Pimentel, ex-diretora do CTAIBB, que esteve no cargo entre 1980 e 1985. Arquivos Pessoais. Diretoria de Gestão de Pessoas, IFF Bom Jesus, Bom Jesus do Itabapoana.



Fonte: Arquivo do Instituto Federal Fluminense, Campus Bom Jesus.

Figura 3:Festa de agosto de Bom Jesus, década de 1970.



Fonte: Arquivo do Instituto Federal Fluminense, Campus Bom Jesus.

Ao mesmo tempo, os problemas advindos da falta de financiamento e do cancelamento de projetos iniciais, como a implantação do curso de Veterinária, foram vistos como tentativas falhas da universidade de manter e dar continuidade ao colégio da forma como ele foi concebido. A distância com outros polos de ensino representava também um



problema na manutenção de um ensino técnico, relatado em depoimento por ex-professores. Apesar das dificuldades enfrentadas com as crises econômicas que afetavam as universidades, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, estas foram encaradas pelo grupo como mais um desafio ao estudo na região e à manutenção da instituição: “[a infra-estrutura] era aquela coisa sofrida... sofrida. Bastante. [pausa] Essa distância aí era uma coisa terrível. (...) Teve um momento em que (...) a escola era gerenciada pela grana que ela produzia, depois melhorou” (LUIZ ANTONIO VIEIRA DA SILVA, 22.05.2013)

Os depoentes enfatizam a criação do Conselho das Escolas vinculadas às universidades, no início da década de 1990, como importante momento para a melhora financeira na instituição. Era feita uma reunião mensal, a partir daí, a universidade vinha à instituição, conhecendo os setores de produção, de ensino, e vendo as técnicas serem aplicadas. Isso fez com que a escola tivesse mais verba para a instituição:

Antes não tínhamos recurso nenhum. Era o que a gente negociava, a gente produzia, aí chegávamos lá, e (...) a gente conversava muito, a gente conseguia. (...) Primeiro carro que tivemos, era a Kombi que a gente andava. Carro baixo tivemos um. Um... corsa, corsa 97, que era da reitoria, aí depois conversamos [com] o reitor, conversamos, conversamos, ele pegou e doou o carro pra escola (...). Antes a gente ia pro Rio resolver problemas, íamos com carro nosso. Ou de Kombi. O único carro, uma Kombi velha que tinha aí. Ou então ir de ônibus, como eu ia, muitas vezes. Saía daqui meia noite, ia pra lá, chegava lá seis e pouca, ficava aguardando, nove horas ia pra universidade, ficava até as seis horas, entrava dentro do ônibus, chegava três da manhã, e no outro dia sete horas dar aula (...) Tudo era pago por lá, então nós tínhamos um conselho que [se] reunia. Aí vinha na época o tesoureiro, vinha o pró-reitor de extensão, fazíamos uma reunião ali no auditório, e muitas vezes com o papo ali conversando conseguíamos as coisas. Como nós conseguimos um trator na época, daí fizemos um foguetório, uma festa danada aqui. Conseguimos um trator, uma grade e um arado na época. (...) Conseguimos comprar uma trilhadeira, e aí fomos comprando. (JOSÉ BASTOS CAVICHINI, 10.04.2013)

Figura 4: Inauguração da primeira trilhadeira, 1985.



13



Fonte: Arquivo do Instituto Federal Fluminense, Campus Bom Jesus.

Em relação à identidade dos profissionais de ensino, estes formavam um grupo unido e pequeno, que enfrentava as adversidades inerentes ao ensino em uma região afastada dos centros urbanos, e que, devido à diminuição de verba das universidades, encaravam as adversidades pelo amor à instituição e pela vontade de superar todos os obstáculos, em nome do CTAIBB. O Professor Luiz Antônio relatou este sentimento, ao descrever a História da escola, dos profissionais e a sua trajetória pessoal:

Toda a História do CTAIBB pra mim é importante, não tenho nada a destacar. O CTAIBB pra mim é mais que a minha própria casa, minha paixão aqui é imensa. (...) Muita, mas muita coisa que nós fizemos, realizamos, não foi documentada. Sabe, perdeu-se, muitas das nossas ações, muitas coisas maravilhosas aí...penso eu que o Cavichini deve ter comentado de ir em Brasília, de ir não sei aonde: “ó, faço isso há muito tempo”. E tive essa oportunidade de falar também lá em Brasília (...), quando pediram para representar a direção da escola, “ó, faço isso na minha escola há muito tempo”. Do nascedouro do Colégio Agrícola como Universidade Federal Fluminense, a ideia era de que aqui ficasse como escola modelo, trabalhar Educação no nosso meio. Nunca foi de transformar isso aqui num ensino superior, a ideia foi do ensino técnico, tecnológico e humanístico da rapaziada. E eu te falo, nós conseguimos isso. (...) Estamos deixando nas mãos de vocês esse grande sonho do Ildelfonso, assim como a gente deu sangue nisso aqui. (LUIZ ANTONIO VIEIRA, 03.06.2013)

Na construção de uma identidade institucional, a importância do relacionamento entre profissionais de ensino, em um número reduzido, e alunos, foi muito forte. Alunos e professores se juntavam nas décadas de 1970 e 1980 para fazer mutirão de pintura da escola, devido à falta de verba para contratação de pessoal. Da mesma forma, quando ocorriam enchentes no Colégio, o que é fato comum devido às fortes chuvas no verão na região

e o rio Itabapoana cortar a instituição, estes se reuniam com professores e servidores para fazer um mutirão de limpeza, em um espírito colaborativo e de união. A adversidade, assim, resultava em uma identificação maior entre alunos e professores, que construíam coletivamente suas ações, discutindo planos de aulas, participando de ações de extensão do Colégio e formando o que o Professor Luiz Antônio Vieira relatou como “família CTAIBBANA”, ou seja, construindo fortes laços afetivos.

Figura 5: Mutirão para limpeza do Colégio, iniciada década de 1980.



Fonte: Arquivo do Instituto Federal Fluminense, Campus Bom Jesus.

Muitos alunos vinham do campo¹¹ (a maioria de distritos de agricultura familiar na região) e se formaram com uma idade mais elevada, na década de 1970. O CTAIBB também recebia – como hoje ainda, enquanto IFF, recebe – alunos advindos de municípios vizinhos, como Itaperuna, Campos dos Goytacazes, Varre e Sai, no Rio de Janeiro, e Apiacá, Bom Jesus do Norte, São José do Calçado, Mimoso do Sul e Guaçuí, no Espírito Santo, dentre muitos outros. Este relacionamento próximo ocorria devido às especificidades da região, conhecida produtora rural e especialmente de café, e também pela própria forma como eram conduzidas as atividades de ensino, que faziam com que inúmeros alunos participassem das ações da instituição de extensão, de produção, e de festas com participação do Colégio, como

¹¹ Bom Jesus do Itabapoana se divide em sete distritos: Bom Jesus do Itabapoana (Centro), Usina Santa Isabel, Serrinha, Carabuçu, Rosal, Pirapetinga de Bom Jesus e Calheiros. Destes, apenas dois não são distritos rurais: Centro e Usina Santa Isabel (este último cresceu devido à usina de produção de açúcar na região, porém, com o fechamento da usina no final dos anos 1990, hoje é considerado um distrito dormitório). Dentre os distritos rurais, a maioria das famílias vive de agricultura familiar ou prestando serviços no centro e em cidades vizinhas.



a conhecida Festa de Agosto. Ao mesmo tempo, ele recebia alunos que vinham da cidade de Bom Jesus e de áreas urbanizadas em outras cidades, o que demonstra que desde o início sua identidade estava marcada pelas atividades no campo, mas com alunos advindos não apenas dele. A lembrança da instituição como local em que estudantes desejavam ter um Ensino Médio (naquela época, Segundo Grau ou Científico) de qualidade, é lembrado por Jorge Ubirajara Boechat, que foi aluno da instituição entre 1972 e 1974¹²:

Aconteceu [na época] um fato interessante, que acontece até hoje também, isso é uma coisa histórica. Por ter um quadro de professores depois cada vez melhor, então o nível médio também passou a ser observado pela sociedade. Tinha muitos alunos que vinham pra cá só pra fazer o nível médio (...) no meu tempo eram quatro anos. Quando chegava no terceiro ano iam embora, não faziam o quarto ano, que era o estágio, para tirar o diploma de técnico. (...) Desistiam, iam fazer o vestibular. (...) Então éramos oito. (...) A gente falava entre nós [em brincadeira], que éramos da turma “verdadeira” e os demais da turma “falsa” que só vieram no dia da formatura pegar o canudo, mas que não participaram de todo o processo, só os oito. Éramos talvez o dobro no início. (JORGE UBIRAJARA DIAS BOECHAT, 27.06.2013)

A construção da identidade da instituição ligada aos alunos advindos do campo foi fundamental no momento inicial do Colégio. Porém, o CTAIBB já tinha um ensino médio consolidado na década de 1970, o que levou também a muitos alunos do centro do município a se inscreverem nas provas de seleção que ocorriam para a entrada no Colégio.

Em relação à classe social e origem destes alunos, as opiniões são divergentes, pois alguns depoentes relatam que a instituição atendia alunos humildes e advindos do campo, o que seria a proposta inicial e mais importante do Colégio. Por outro lado, a consolidação da imagem de um ensino considerado de muita qualidade no município fez com que estas seleções fossem disputadas por alunos da cidade, filhos de classe média e alta que também concorriam às poucas vagas e atribuíam ao ensino da instituição a formação necessária para depois ingressarem em universidades em diferentes cursos, e não ao trabalho do campo.

As divergências concernentes ao alunado do Colégio, que em alguns depoimentos é atribuída ao campo, em outros à cidade, demonstram não só que a identidade do Colégio não era sólida nos anos iniciais, ainda em processo de formação de ações escolares, como que os

¹² Aluno da segunda turma, mas que entrou no segundo ano, em 1972, onde cursou até a formatura em 1974, tendo cursado o primeiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Padre Mello, em Bom Jesus.



objetivos da instituição foram se modificando com o tempo, como a própria percepção de sua atuação na região, se tornando o destino de dezenas de alunos que desejavam estudar no Ensino Médio, mas não se interessavam pelos estudos agrícolas como opção viável de trabalho. Mesmo com esta mudança, cuja época ainda permanece pouco clara após depoimentos colhidos, o “Agrícola” continuou formando técnicos considerados de excelência que trabalhariam posteriormente na Empresa de Assistência e de Extensão Rural no Estado do Rio de Janeiro (EMATER), em áreas rurais e estudariam Ciências Agrícolas e Veterinária em universidades, se aperfeiçoando ainda mais nestes temas. Compreendemos que estas divergências são comuns ao se estudar o processo de apropriação de memória por diferentes grupos. Para alguns ex-alunos e ex-servidores, a identidade ligada ao campo era importante para que a instituição mantivesse a imagem original que teve na década de 1970, na época de sua criação. Para outros, essa identidade se modificou à medida que as mudanças econômicas ocorriam, trazendo uma “modernidade” na atuação do Colégio.

É importante levantar, em estudos de memória, que esta é construída com conflitos, em contradições, que se ligam ao lugar, ora numa relação afetiva forte, ora com distanciamento. As visões sobre o passado também são reconstruídas, a partir de um contexto social, ou mesmo do sentido e simbologia que estes locais de memória representam na sociedade. Desta forma, a memória do CTAIBB, que desde 2008 se encontra vinculado ao Instituto Federal Fluminense, foi se modificando, mas os laços dos professores que nele ainda atuam permanecem em constante conflito entre um passado onde a instituição era menor, onde as amizades eram mais fortes, número de profissionais e alunos era reduzido e o contato com a instituição mantenedora, a UFF, era menor, e um presente com múltiplas aberturas devido ao investimento, à criação de novos cursos e ao aumento de atividades, como a criação de mais três cursos técnicos (Informática, Meio Ambiente e Agroindústria) e o aumento de professores.

A reflexão sobre o passado se torna relevante, assim, na descoberta do significado da instituição no local onde ela iniciou suas atividades; na formação da identidade que congrega diferentes períodos e diferentes pessoas; na construção de uma sólida imagem, que hoje



permanece no imaginário social dos moradores do município e da região, e nas dúvidas sobre um futuro repleto de mudanças.

No breve estudo de caso do “Agrícola”, atual IFF Bom Jesus, essa memória ainda encontra-se aberta a análises, uma vez que as transformações tão recentes da instituição ainda mostram o caráter transitório do Colégio, agora um Instituto que conjuga em si novos atores, novas propostas e recriará uma identidade definida no futuro, em um esforço efetivo de retomada da memória do passado e das ações do presente, promovendo ressignificações da memória institucional.

É importante, desta forma, ressaltar a necessidade de ações locais para salvaguardar estas memórias, para que os lugares de memória regional, como o cineteatro, a escola técnica, o clube dos bailes de carnaval e o clube de futebol, dentre tantos outros lugares, não percam seu apoio referencial como espaços de memória e, conseqüentemente, como fontes de construção de uma História multifacetada e enraizada na cultura local.¹³

BIBLIOGRAFIA

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História**. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, pp.296-331.

BOSI, Ecleia. **O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FROCHTENGARTEN, Fernando. “A memória oral do mundo contemporâneo”. In: **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, 2005, pp. 367-376.

NORA, Pierre. “Entre a história e a memória: A problemática dos lugares”. In: **Revista Projeto História**, n. 10, São Paulo: Educ/PUC-SP, 1993, pp. 7-28.

¹³ Agradecemos aos bolsistas de Ensino Médio vinculados ao programa de Pré-Iniciação Científica Jovens Talentos da FAPERJ, Alan Polate da Silva, Bruna Crisóstomo de Almeida e Heitor Rodrigues Pinheiro, que participaram de todo o processo de resgate da memória da instituição, pesquisando e organizando as fotografias do CTAIBB, pesquisando a História da instituição em jornais e publicações locais, auxiliando na criação de roteiros e participando das entrevistas, que estão em andamento.

X Encontro Regional Sudeste de História Oral

**Educação das Sensibilidades:
Violência, desafios contemporâneos**

Campinas, 10 a 13 de setembro de 2013 - UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) ISBN 978-85-85562-40-3